

EMPREGO DO FUZIL BLAZER TACTICAL 2 NAS AÇÕES DE AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE¹

EMPLOYMENT OF BLAZER TACTICAL 2 RIFLE IN AIR BASE GROUND DEFENSE ACTIONS

David Magalhães Gomes²
Aramys Gonzaga Santos*

RESUMO

O presente trabalho subordinado ao tema “O emprego do Fuzil Blaser Tactical 2 nas ações de Autodefesa de Superfície” propõe analisar a atuação do Fuzil atualmente utilizado pela Infantaria da Aeronáutica na ação de Força Aérea nas atividades de Autodefesa de Superfície (ADS), buscando verificar sua capacidade operacional na defesa. Para a sua confecção definiu-se como objetivo geral identificar como os atiradores táticos de precisão atuam, de acordo com os manuais recém-criados, Manual de Autodefesa de Superfície e Manual do Atirador Tático de Precisão, e relacionar com as especificações e características do fuzil de precisão disponível pela Força Aérea Brasileira (FAB). De modo a concretizar o estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de obter informações acerca das características necessárias dos fuzis utilizados pelos atiradores táticos de precisão (ATP) no cumprimento das missões de ADS para, dessa maneira, relacionar os Manuais que regem o emprego desta parte da Infantaria da Aeronáutica com a operacionalidade do Fuzil Blaser Tactical 2. Nesse sentido, o trabalho busca ainda auxiliar no enriquecimento de conteúdo e possíveis atualizações dos manuais.

Palavras-chave: Blaser Tactical 2; Atirador Tático de Precisão; Autodefesa de Superfície; Manuais da FAB; Operacionalidade.

¹Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais de Infantaria (COInf) da Academia da Força Aérea (AFA).

²Cadete de Infantaria do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

* Cap Inf. Academia da Força Aérea. E-mail: aramysags@fab.mil.br.

ABSTRACT

The present work under the theme “The use of the Rifle Blaser Tactical 2 in Air Base Ground Defense (ABGD) actions” proposes to analyze the role of the Rifle currently used by the Air Force Infantry in the action of ABGD, seeking to verify its operational capacity on defense. For its, the general objective was to identify how precision tactical shooters act, according to the newly created manuals, Air Base Ground Defense Manual and Sniper Manual, and relate to the specifications and characteristics of the precision rifle available by the Brazilian Air Force. In order to carry out the study, a bibliographical research was carried out in order to obtain information about the necessary characteristics of the rifles used by the snipers to fulfill the AGBD missions, in other to, in this way, relate the Manuals that govern the use of this part of the Air Force Infantry with the operability of the Tactical Blaser Rifle 2. In this sense, the work also seeks to assist in the enrichment of content and possible updates of the manuals.

Keywords: Blaser Tactical 2. Sniper; Air Ground Base Defense; FAB Manuals; Operability.

INTRODUÇÃO

O Poder Militar Aeroespacial é fundamental tanto para efeitos dissuasivos de um país quanto no teatro de operações de conflitos, como foi comprovado, por exemplo, na Guerra dos Seis Dias no ano de 1967 (LUCINDO, 2018).

No entanto, conforme a própria natureza frágil dos aviões quando em solo e toda infraestrutura necessária para seu emprego existente nas instalações aeronáuticas, os aeródromos constituem um forte centro de gravidade para o ataque inimigo. Nesse sentido, visando exercer a defesa em solo das Organizações Militares, surgiu a necessidade da criação da Doutrina de Autodefesa de Superfície por parte da Infantaria da Aeronáutica (DOUHET, 1921).

A Autodefesa de Superfície (ADS) tem por característica a utilização de uma tropa de infantaria capaz de detectar, engajar, neutralizar ou retardar quaisquer ameaças aos pontos sensíveis das instalações aeronáuticas, utilizada quando o nível de risco ou ameaça não pode ser mitigado apenas com a segurança convencional das instalações. Para exercer funções mais específicas em um teatro de operações, acontece o adestramento de uma tropa especializada tanto nas técnicas quanto nos equipamentos usados (COMANDO DA AERONÁUTICA, 2022).

Por sua vez, os Atiradores Táticos de Precisão (ATP) foram amplamente utilizados em diversos conflitos do século XXI, como foi o caso da Guerra do Afeganistão e a Guerra do Iraque e, com isso, foi consolidado seu emprego nos mais diversos modelos de operação. Dessa maneira, os ATP podem ser compreendidos como uma ferramenta fundamental na Doutrina de ADS, uma vez que possuem alta adaptabilidade funcional dentro das especificidades de cada missão e podem contribuir devido a sua flexibilidade com ações das mais diversas naturezas (NEVILLE, 2016).

Um ponto que merece maior detalhamento refere-se aos documentos e manuais existentes que descrevem as características das armas e equipamentos utilizados pelos ATP nas camadas de defesa da ADS. Nesse sentido, esse artigo busca avaliar a utilização do Fuzil de Precisão Blaser Tactical 2, disponível para atuação nas missões de ADS, relacionando seus atributos com o seu emprego descritos no Manual de Autodefesa de Superfície, MCA 125-17, e no Manual Atirador Tático de Precisão, MCA 125-23.

Por conseguinte, esse estudo situado na linha de pesquisa Poder Militar, cujo núcleo temático é a Segurança e Defesa, entende ser crucial para posteriores atualizações, tanto de Manuais, quanto na necessidade de novas aquisições por parte da FAB, o estudo do fuzil de precisão mais empregado no cumprimento de missões de ADS, o Blaser Tactical 2.

Este artigo tem por finalidade identificar como os ATP atuam de acordo com a doutrina dos Manuais de Autodefesa de Superfície e do Atirador Tático de Precisão e relacionar com as características do Fuzil Blaser Tactical 2, armamento de precisão mais utilizado para o cumprimento de missões de ADS pelos ATP e, assim, verificar se o Fuzil tem capacidade de cumprir todas as atribuições dos atiradores em seu emprego.

O Fuzil Blaser Tactical 2 atende as necessidades de emprego em missões de Autodefesa de Superfície, no âmbito da Força Aérea Brasileira?

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Giulio Douhet (2009), considerado um dos maiores teóricos do Poder Aeroespacial da primeira geração, no livro mais reverenciado de sua bibliografia, *The Command of the Air*, utiliza uma figura de linguagem para ressaltar o método mais eficaz de destruir os vetores aéreos inimigos. Segundo ele, seria mais fácil destruir os ovos de pássaros em seus ninhos do

que caçá-los pelos céus. Nesse sentido, desde os primórdios da aviação nos conflitos, infiltrações terrestres para neutralizar aeronaves em solo são consideradas uma importante ferramenta para mitigar a Força Aérea adversária, o que reforça a importância da existência de uma doutrina defensiva de infantaria.

Em consonância com as ideias de Douhet, Alan Vick (1995) destaca os objetivos dos ataques aos aeródromos, no período de 1940 até o ano de 1992, foram: 60% destruir aeronaves, 27% enfraquecer as defesas inimigas, 7% negar sua utilização e, por fim, 6% capturar aeronaves. Nesse sentido, devido a todas as características do Poder Aeroespacial, ainda que muito recente comparado aos outros Poderes, destruir os vetores aéreos se tornou o objetivo principal dos ataques aos aeródromos em conflitos do século XX, após a criação e amadurecimento das doutrinas aeroespaciais.

No âmbito da defesa terrestre, há de se considerar a diferença do emprego por parte da infantaria tradicional do exército, cujas formações, treinamentos e armamentos são otimizados para operações ofensivas de armas combinadas e a infantaria da aeronáutica que, por sua vez, possui ênfase de atuação otimizada para operações defensivas dos aeródromos. Dessa maneira, embora ambas infantarias compartilhem de equipamentos e capacidades para integrar a defesa de bases aéreas, a doutrina de utilização dos meios e atuação da infantaria da aeronáutica é otimizada para sua missão de defesa (CAUDILL, 2014).

Quanto à vulnerabilidade das aeronaves no solo, observa-se que, apesar do avanço tecnológico e da crescente complexidade e sofisticação das aeronaves modernas ao longo das últimas décadas, elas se tornaram mais suscetíveis quando estão em solo. Nesse sentido, um disparo preciso em aeronaves de caça de quinta geração pode resultar tanto na sua neutralização como na redução de sua capacidade de se manter furtiva, causando assim um dano significativo em um contexto de conflito armado (CAUDILL, 2014).

Rifles de longa precisão nas mãos de militares bem treinados são capazes de acertar aeronaves estacionadas a distâncias acima de 2 km. Além disso, se combinadas com munições perfurantes e incendiárias de alto calibre, os rifles de precisão possuem grande potencial de impossibilitar o emprego de vetores aéreos de extrema importância para a Força Aérea, devido às suas características de vulnerabilidade em solo (VICK, 2015).

Quanto a missão de defesa das bases aéreas por parte da infantaria, o primeiro objetivo é proteger o Poder Aeroespacial das ameaças terrestres e possibilitar as operações aéreas aliadas. Para isso, a ocupação terrestre da infantaria deve incluir fornecimento de operações

de *counter-snipers*, ou seja, militar responsável por atacar e mirar atiradores inimigos (CAUDILL, 2014).

De acordo com Caudill (2014), a Força Aérea dos Estados Unidos possui o sistema de classificação de ameaças dos aeródromos responsável por dividir o risco da seguinte forma:

Nível 1: Tem capacidade de realizar ataques diretos usando táticas como infiltração, dispositivos explosivos improvisados ou assaltos utilizando armamentos leves.

Nível 2: Tem capacidade de realizar ataques diretos usando armas leves, morteiros, foguetes, atiradores táticos de precisão, granadas lançadas por foguetes (RPG), bombas de maior magnitude e agentes químicos e biológicos limitados.

Nível 3: Além das ameaças de níveis 1 e 2, capacidade de realizar ataques do tamanho de uma empresa que exigiriam resposta com armamento pesado.

Nível 4: Além dos níveis 1,2 e 3, capacidade de atuar com mísseis balísticos com, ou sem, agentes químicos e biológicos.

O Coronel Shannon W. Caudill, autor do livro *Defending Air Bases in an Age of Insurgency* (2014), especifica em sua obra a solicitação do apoio de atiradores de precisão na operação de ajuda humanitária Shining Hope, realizada pelos Estados Unidos na Albânia em 1999. O suporte dos atiradores proporcionou, em conjunto com o patrulhamento americano ao longo de toda a Albânia, a resposta de fogo ao inimigo e evitou um resultado desastroso nas bases aéreas defendidas. Com isso, destacou-se a importância das patrulhas de maior alcance na doutrina de ADS.

Além disso, durante a Operação Liberdade do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, especificamente no aeródromo de Bashur, foram utilizados atiradores de precisão após o assalto aeroterrestre para estabelecer a defesa em pontos estratégicos enquanto chegavam os reforços, realizar o reconhecimento de área em patrulhas e levantar informações dos iraquianos (CAUDILL, 2014).

No mais longo cerco da história da guerra moderna, o Cerco de Sarajevo na Guerra da Bósnia entre 1992 e 1995, contou com ataques de atiradores de precisão sérvios cujo alvo principal foi o aeródromo da cidade. Como o deslocamento de tropas bósnias era impossibilitado pelo cerco, o vetor aéreo passou a ser a única possibilidade por parte da Bósnia e, dessa maneira, o aeródromo da cidade se tornou o ponto de gravidade mais crítico a ser atacado pelos sérvios devido a sua importância estratégica (CAUDILL, 2014).

Durante a Guerra do Afeganistão, em 2009, os EUA utilizaram-se de uma equipe de *snipers* para neutralizar elementos da Al-Qaeda a 1400 metros de distância que preparavam o morteiro para atingir a base americana. Tiros subsequentes também desativaram um veículo que se encontrava aos arredores repleto de explosivos. O fuzil de precisão empregado possuía capacidade de atirar a distâncias superiores a 1000 metros, pelo fato de utilizar o calibre .50, além de ter boa cadência de tiro, uma vez que era semiautomático. Por conseguinte, o calibre .50 foi utilizado com sucesso e encontra-se nem perto dos seus limites de performance (PEGLER, 2011).

Na Guerra do Iraque, próximo da Base Aérea de Balad, foram designados os pontos de observação das áreas de interesse, em conjunto com determinado plano de inteligência que contava com várias plataformas como, por exemplo, patrulhas de combate, times de atiradores de precisão, reconhecimento e observação. Desse modo, utilizando-se dos *snipers* em áreas críticas para a defesa do aeródromo com o objetivo de alimentar o banco de dados com informações acerca da logística e das operações inimigas e possibilitar melhores decisões no conflito (CAUDILL, 2019).

Nesse sentido, diversas foram as atuações dos ATP em missões de ADS nas últimas décadas, em missões tanto de reconhecimento quanto de combate propriamente dito, sendo imprescindíveis para tomar melhores decisões no teatro de operações (TO), neutralizar ameaças as tropas amigas e melhorar a segurança das áreas críticas às instalações. Dado o que foi supramencionado, evidencia-se que o emprego dos ATP modificou a doutrina das tropas terrestres localizadas em áreas de interesse e sua utilização passou a ser importante para realizar missões características da ADS.

2 METODOLOGIA

Em um primeiro momento será destacado por meio do Manual de ADS e do Manual do ATP a maneira como o armamento é empregado pelos atiradores de precisão e seus atributos fundamentais para o cumprimento de missões particulares dessa parte da Infantaria da Aeronáutica. Na etapa seguinte será realizado um levantamento de dados por meio de uma pesquisa bibliográfica para obter informações acerca das características estruturais do Fuzil Blaser Tactical 2. Por fim, será realizada uma comparação das informações coletadas nas literaturas que abordam a doutrina dos atiradores de precisão, associado aos manuais tanto da

FAB quanto do armamento estudado. Essa análise permitirá concluir se o Fuzil Blaser Tactical 2 atende às necessidades estabelecidas em situações de segurança de área em conflitos, características da Autodefesa de Superfície.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 AUTODEFESA DE SUPERFÍCIE

Compreender a eficiência do Fuzil Blaser Tactical 2 necessita que, de antemão, sejam avaliadas as peculiaridades da sua utilização e finalidade de emprego. Dessa maneira, entender a Ação de Autodefesa de Superfície realizada pela Infantaria da Aeronáutica é imprescindível para avaliar as características que o armamento deve possuir para exercer sua função dentro de seu contexto especificado.

Por definição, conforme a MCA 125-17 (BRASIL, 2020), Autodefesa de Superfície é a ação que consiste em empregar os Meios de Força Aérea para detectar, identificar e neutralizar ou impedir ataques realizados por forças terrestres, aeroterrestres, aeromóveis ou anfíbias inimigas às Áreas Sensíveis e aos Pontos Sensíveis de interesse da Força Aérea.

Por doutrina, as localizações das bases aéreas em um TO linear não estão situadas na zona de combate, mas na zona de administração ou na zona do interior, ainda que, pela menor proximidade com a linha de combate dificulte a penetração e ataques em profundidade no terreno inimigo. Isso se dá, pelo fato das características frágeis dos vetores aéreos e a facilidade de comprometimento das operações aéreas após qualquer dano limitante ocasionado às estruturas e recursos aeronáuticos.

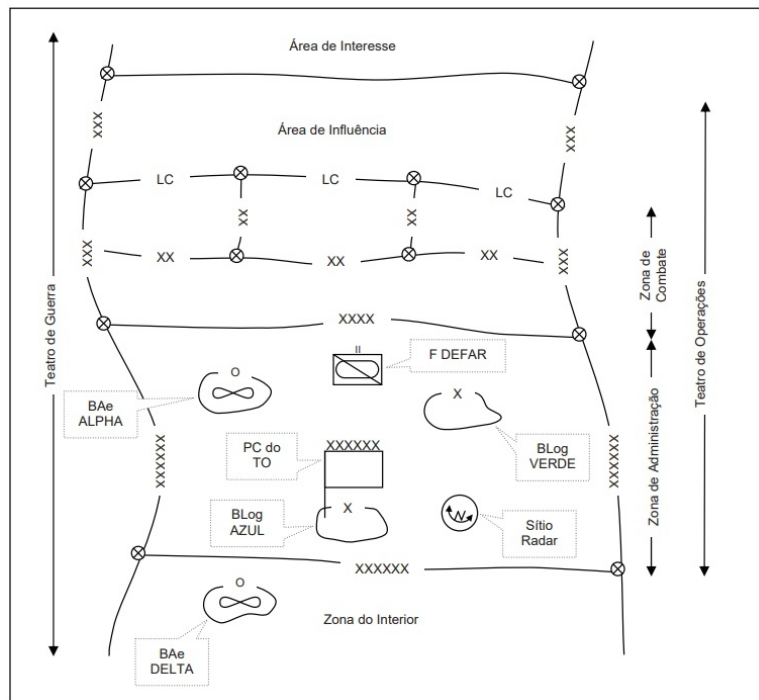


Figura 1 Teatro de Operações Linear

Fonte: BRASIL (2020, p. 20)

Entretanto, em um TO não linear, característico dos conflitos contemporâneos, os limites entre as zonas de combate, administrativa e do interior não são bem definidas. Assim, identificar as ameaças torna-se uma tarefa difícil, uma vez que podem ser utilizados insurgentes, táticas não convencionais e até mesmo ataques terroristas (CAUDILL, 2014). Como resultado, delimitar, defender e controlar regiões de fragilidade aos aeródromos se torna uma tarefa complexa nos dias de hoje, uma vez que o inimigo pode estar infiltrado entre a população.

Nesse contexto, de acordo com a MCA 125-17 (BRASIL, 2020), para obter a segurança das instalações aeronáuticas em conjunto com seus recursos, a Força Aérea deve possuir uma tropa de combate treinada, equipada e organizada, especializada em detectar, engajar, retardar e neutralizar ameaças de superfície.

Ademais, a ADS acontece de maneira complementar as ações internas de policiamento e segurança, consideradas atividades mais corriqueiras realizadas pelas unidades de Infantaria da Aeronáutica. No entanto, a tropa responsável por exercer as ações internas não são

consideradas ideais para conter ameaças em um cenário conflituoso e, portanto, cabe a tropa especializada e equipada responsável pelas ações de ADS atuar em contextos beligerantes.

É essencial que as Forças de Autodefesa de Superfície (FADS) atuem tanto de forma defensiva quanto ofensiva. Isso se deve à crescente ameaça representada por armas inimigas de longo alcance, capazes de contornar as barreiras perimetrais das instalações, comprometendo total ou parcialmente as operações aéreas amigas sem enfrentar resistência das FADS. Nesse contexto, o emprego de táticas ofensivas é fundamental para antecipar e neutralizar possíveis ataques inimigos, evitando a paralisação das atividades aéreas.

Ao adotar uma postura ofensiva, as FADS ganham a capacidade de identificar e combater ameaças antes que estas se aproximem perigosamente das instalações ou comprometam o espaço aéreo controlado pelas forças amigas. Isso não apenas dissuade potenciais adversários, mas também fortalece a posição defensiva das instalações, criando uma camada adicional de proteção para as operações aéreas.

A combinação de abordagens defensivas e ofensivas demonstra uma postura estratégica completa e adaptável ao cenário dinâmico das ameaças modernas. Além disso, ao agir proativamente, as FADS podem desempenhar um papel fundamental na garantia da segurança das operações aéreas, permitindo que elas ocorram de maneira mais eficiente e ininterrupta.

A Doutrina de ADS baseia-se em delimitar áreas no TO, com o objetivo de trabalhar de maneira proporcional e com as particularidades que as ameaças em cada parte do terreno apresentam as instalações. Dessa forma, as três áreas de enfoque dentro da Doutrina são a Área de Responsabilidade (AR), a Área de Operações para Defesa de Instalação (AODI) e a Área de Interesse para Defesa de Instalação (AIDI).

A AR é o terreno em que as FADS tem a capacidade de ocupar fisicamente e realizar as ações de defesa intrínsecas a sua missão. A AODI é o terreno em que o inimigo possui capacidade de atacar as instalações amigas e, por fim, a AIDI é o terreno, além da AODI, em que o inimigo consegue planejar e preparar-se para atacar as instalações.

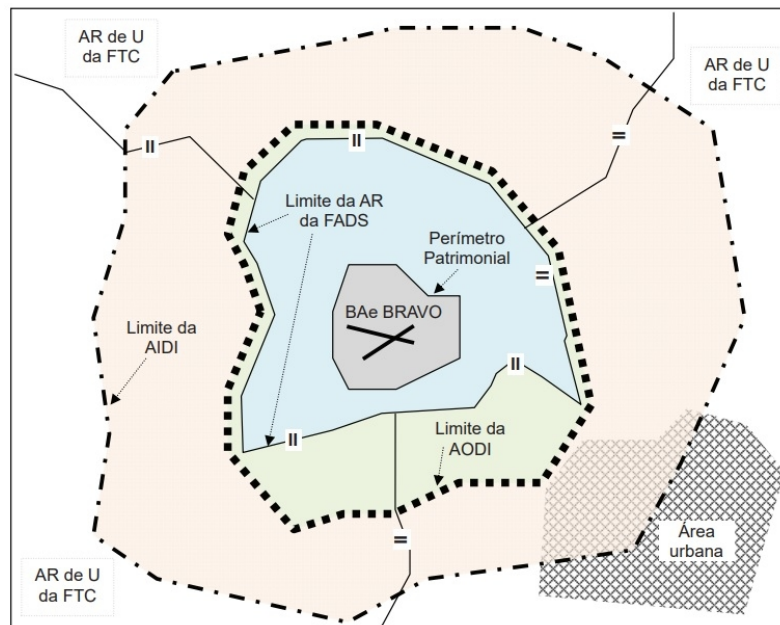


Figura 2 AR, AIDI e AODI das FADS

Fonte: BRASIL (2020, p. 24)

Para o sucesso das operações defensivas por parte das FADS, são imprescindíveis que se utilizem de seus fundamentos de emprego. A defesa aproximada, a defesa em profundidade e o apoio mútuo são conceitos inter-relacionados nas operações militares e são frequentemente combinados para criar uma estratégia de defesa robusta. Segue uma breve explicação de cada conceito:

Defesa Aproximada: A defesa aproximada é uma estratégia que envolve a criação de uma série de posições defensivas escalonadas, geralmente localizadas à frente da posição principal de defesa. Essas posições são projetadas para atrasar o avanço inimigo, desgastar suas forças e fornecer informações sobre seus movimentos antes que eles alcancem a posição defensiva principal. As posições defensivas aproximadas são tipicamente mais leves em termos de fortificações e recursos, e são ocupadas por forças de menor tamanho. Elas têm a função de atrasar o inimigo, causar baixas e permitir que as forças defensoras se retirem para posições subsequentes, como parte de uma estratégia de defesa em profundidade.

Defesa em Profundidade: A defesa em profundidade é uma estratégia que envolve a criação de múltiplas camadas de defesa em uma posição, geralmente localizadas em uma sequência de posições defensivas escalonadas. À medida que o inimigo avança, as forças defensoras se retiram para posições subsequentes, permitindo-lhes continuar a resistir e

atrasar o avanço inimigo. A defesa em profundidade busca maximizar a sobrevivência das forças defensoras e criar dificuldades crescentes para o inimigo à medida que ele avança, tornando sua progressão mais lenta e custosa.

Apoio Mútuo: O apoio mútuo é um princípio que se aplica tanto à defesa aproximada quanto à defesa em profundidade. Ele envolve a coordenação e a cooperação entre as diferentes posições defensivas, de forma que elas possam se apoiar mutuamente. Isso pode ser feito através de ações como o compartilhamento de informações, apoio de fogo, manobras coordenadas e reforço de posições enfraquecidas. O objetivo do apoio mútuo é maximizar a eficácia das forças defensoras, garantindo que elas trabalhem juntas como uma unidade integrada, fortalecendo-se mutuamente e compensando as fraquezas de uma posição com os recursos de outras posições.

Em resumo, a defesa aproximada, a defesa em profundidade e o apoio mútuo são conceitos que são explorados em conjunto para criar uma estratégia de defesa abrangente e eficaz. A defesa aproximada é responsável por atrasar o avanço inimigo, a defesa em profundidade, por sua vez, cria camadas de defesa para prolongar a resistência e, por fim, o apoio mútuo coordena ações entre as diferentes posições defensivas para maximizar a eficácia global.

A defesa em profundidade, em especial, é desenvolvida dentro da doutrina da MCA 127-17 (BRASIL, 2020) através do escalonamento em três áreas concêntricas dentro da AR: a área de defesa aproximada, a área de defesa avançada e a área de segurança. Nesse sentido, em cada parte do território a ser defendido, o ATP desempenha papéis específicos, como será visto posteriormente.

A Área de Defesa Aproximada normalmente coincidem com as barreiras perimetrais da OM e incluem as infraestruturas primordiais para a manutenção da atividade aérea como, por exemplo, pistas, hangares, paióis, entre outros. A Área de Defesa Avançada pode ser compreendida como a área intermediária para detecção de ameaças, em que o inimigo é detido antes que adentrem em um território mais crítico para as instalações. Por fim, temos a Área de Segurança, que é o terreno mais distante dos recursos aeronáuticos para a detecção inimiga.

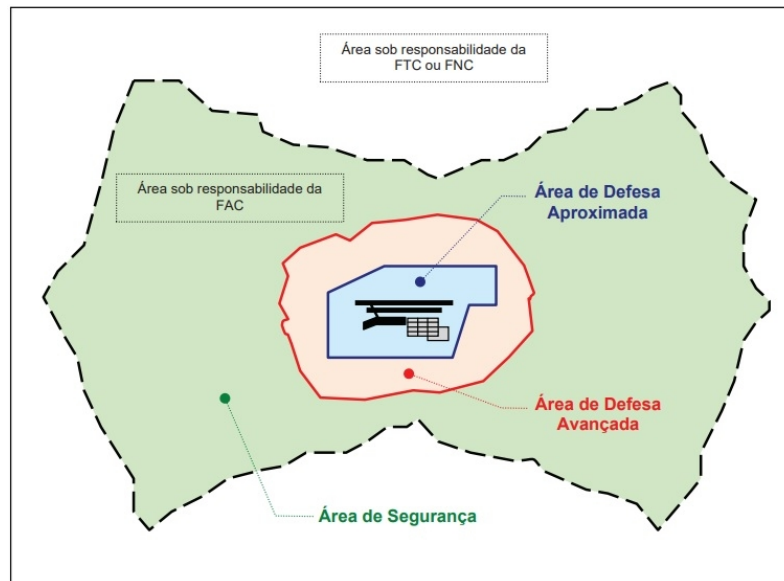


Figura 3 Escalonamento da Área de Responsabilidade

Fonte: BRASIL (2020, p. 43)

Além disso, o máximo emprego das ações ofensivas constituem outro fundamento de emprego das operações defensivas dentro do Manual de Autodefesa de Superfície. O foco na ofensiva das ações é de fundamental importância para neutralizar investidas inimigas, assim como desencorajar futuras ações contra as instalações, uma vez que a manutenção da iniciativa minimiza os danos causados, através do uso da pronta resposta e destruição das ameaças detectadas previamente.

Nesse sentido, a utilização de atiradores táticos podem ser compreendidos como uma ferramenta de alta capacidade de utilização nas operações de ADS, uma vez que seu emprego tanto para missões de reconhecimento quanto neutralização de material e/ou pessoal o tornam flexível e de grande valia para as FADS, contribuindo, assim, para a iniciativa das ações.

3.2 ATIRADOR TÁTICO DE PRECISÃO

3.2.1 Informações Gerais

Conforme o Manual FM 3-22.10 (US ARMY, 2017), o ATP é o militar altamente treinado e especializado em disparar com precisão a longas distâncias. Esses atiradores são

utilizados em operações com o objetivo de neutralizar alvos específicos, como líderes inimigos, atiradores de elite inimigos, terroristas, entre outros.

Os militares são equipados com rifles de alta precisão e dentro da doutrina da FAB, conforme especificado no Manual MCA 125-3 (BRASIL, 2020), trabalham sempre em equipes, com um observador para auxiliá-los na identificação e escolha dos alvos. Eles são treinados em técnicas de camuflagem, tiro de longa distância, reconhecimento de alvos e outras habilidades especializadas para garantir que sejam capazes de neutralizar seus alvos com eficácia e segurança.



Figura 4 Equipe de atiradores do Regimento Real Irlandês, exibindo suas técnicas de camuflagem durante um exercício conjunto com as forças dos EUA na Alemanha.

Fonte: NEVILLE (2016, p. 330)

É importante conceituar as diferenças de atirador de elite, atirador tático de precisão e franco-atirador. Segundo a MCA 125-23 (BRASIL, 2022), o atirador de elite pode ser compreendido como o militar com capacidade acima da média de utilização de armas longas. O atirador tático de precisão ou “*sniper*”, por sua vez, é o militar com competência adquirida com formação e técnicas para realizar missões com disparos em grandes distâncias. Por fim, os franco-atiradores são os atiradores com habilidades com arma longa que não representam oficialmente um Estado ou Instituição e atuam com interesses particulares.

O atirador tático de precisão, foco desse trabalho, possui várias atribuições, dependendo da natureza da missão e das necessidades do comando militar. Algumas das

atribuições mais comuns dos ATP incluem: neutralização de alvos de alto valor estratégico (antimaterial ou antipessoal), suporte às operações de infiltração, reconhecimento de alvos, suporte ao resgate de reféns e ao contra-terrorismo. É importante destacar as particularidades de cada missão e os integrantes da fração que a compõe devem estar treinados a cada especificidade de suas ações.

Conforme a MCA 125-3 (BRASIL, 2020), os pontos fortes do emprego do ATP:

1. Precisão e eficácia: os ATP são altamente treinados e especializados em atirar com precisão a distâncias maiores que 2000 metros, com a utilização da munição .50 BMG/12.7x99 mm NATO. Eles são capazes de neutralizar alvos com grande precisão, minimizando o risco de danos colaterais;
2. Flexibilidade: os ATP são capazes de se adaptar a diferentes cenários e missões, podendo ser usados em uma ampla gama de operações militares, tanto ofensivas quanto oferecendo suporte defensivo;
3. Reconhecimento de alvos: os ATP podem ser usados para identificar alvos inimigos e fornecer informações valiosas sobre a posição e movimentação do inimigo;
4. Segurança: o uso de ATP pode aumentar a segurança das operações militares, pois eles podem neutralizar ameaças de longa distância antes que elas se tornem uma ameaça para as forças de segurança.

3.2.2 Equipamentos

Quanto ao fuzil de precisão, a Doutrina de ATP da FAB estipula por meio do Manual 125-23 (BRASIL, 2020) algumas características desejáveis para o cumprimento das missões de ADS. São essas: cano flutuante, devido ao menor desgaste ao longo do tempo, sistema bipé para apoio, boa relação de peso precisão, coroa regulável em comprimento e altura e gatilho seguro, leve e regulável.

Luneta de precisão pode ser considerado como o dispositivo de mira utilizado no fuzil para ampliação e auxiliar o atirador. O tipo ideal é o “*mildot*”, pelo fato de possibilitar as correções tanto na vertical quanto na horizontal. Além disso, os equipamentos ópticos devem suportar situações extremas que podem estar suscetíveis nas ações de ADS, nos mais diversos climas e terrenos a serem empregados.

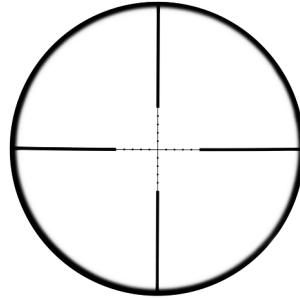


Figura 5 Retículo de luneta do tipo "MILDOT"

Fonte: BRASIL (2022, p. 16)

Quanto aos calibres utilizados pelos ATP, devem ser utilizados aqueles que são fabricados especialmente para o tiro de precisão. O mais utilizado para alvos antipessoais é o calibre .308 Winchester ou 7.62x51mm OTAN, com distancia efetiva de até 800 metros. Para alvos antimaterais o mais utilizado é o .50 BMG, com distâncias superiores a 2000 metros. Por fim, pode-se utilizar pontas com diferentes especificidades como, por exemplo, maior penetração e expansividade.

3.2.3 Emprego do ATP na Área de responsabilidade da ADS

O Manual 125-23 (BRASIL, 2020) especifica as atribuições principais dos ATP dentro dos determinados territórios que constituem a Área de Responsabilidade da ADS exemplificados anteriormente na Figura 3, que são a Área de Segurança, a Área de Defesa Avançada e a Área de Defesa Aproximada.

Para a Área de Segurança, a defesa é realizada por meio de patrulhas a pé ou motorizadas ou se utilizando dos vetores aéreos. Com isso, uma dupla de ATP pode realizar pontos de vigilância em postos avançados em possíveis rotas de infiltração inimigas. Em patrulhas de reconhecimento a dupla de ATP pode ser empregada com o suporte de fogo em pontos estratégicos do terreno, bem como com o aumento da consciência situacional da patrulha.

Dentro da Área de Defesa Avançada, as atribuições principais são a neutralização ou retardamento do avanço inimigo, com o intuito de controlar a proximidade das instalações e

possíveis danos colaterais. Como especificado no Manual FM 3-22.10 (US ARMY, 2017), a dupla de ATP deve estar localizada em pontos estratégicos do terreno para combater, seja atacando ou defendendo a posição, assim como obter informações sobre o desbordamento inimigo, levando em consideração os setores de tiro amigo.

Por fim, na Área de Defesa Aproximada, segundo o Manual 125-23 (BRASIL, 2020), o ideal é que a dupla de ATP esteja situada em um ponto de ampla visualização da área a ser defendida como, por exemplo, torres, caixa d'água ou edificações.

3.3 BLASER TACTICAL 2

O Blaser Tactical 2 é um fuzil de precisão alemão de alto desempenho, produzido do ano de 2005 em diante e projetado para atender às necessidades de atiradores esportivos, militares e policiais. Algumas de suas principais características incluem:

1. Ação de ferrolho: o fuzil Blaser Tactical 2 é baseado em uma ação de ferrolho, o que significa que o atirador precisa puxar o ferrolho para trás e empurrá-lo para a frente após cada disparo para carregar a próxima munição;
2. Calibre: o fuzil Blaser Tactical 2 está disponível em vários calibres populares, incluindo .308 Winchester, .300 Winchester Magnum e .338 Lapua Magnum. Sendo o disponível pela FAB o de calibre .308 Winchester/7,62x51 OTAN;
3. Comprimento do cano: o fuzil Blaser Tactical 2 está disponível com diferentes comprimentos de cano, geralmente variando de 20 a 27 polegadas;
4. Chassi: o fuzil Blaser Tactical 2 apresenta um chassi de alumínio rígido e leve que ajuda a garantir a precisão e a estabilidade do disparo;
5. Gatilho: o fuzil Blaser Tactical 2 possui um gatilho ajustável para permitir que o atirador personalize o peso do gatilho de acordo com suas preferências;
6. Mira: o fuzil Blaser Tactical 2 normalmente é vendido sem mira, permitindo que o atirador selecione a mira de sua preferência;
7. Capacidade do carregador: o fuzil Blaser Tactical 2 geralmente tem capacidade para 5 a 10 cartuchos, dependendo do calibre e do tamanho do carregador utilizado.



Figura 6 Blaser Tactical 2

Fonte: Disponível em: <https://www.rockislandauction.com/detail/79/760/blaser-r93-tactical-2-bolt-action-sniper-rifle-with-vortex-scope> Acesso em: 7 mai 2023

É importante lembrar que o fuzil Blaser Tactical 2 pode variar em termos de especificações e características dependendo do modelo, configuração e país em que é comercializado.

Além do mais, de acordo com o manual disponível pela fabricante Blaser, o Fuzil possui cano flutuante, recurso que ajuda a melhorar a precisão do disparo e desejável conforme a doutrina da FAB. O cano é mantido livre do contato com o estoque ou chassi, o que ajuda a reduzir as vibrações e o atrito que podem afetar a trajetória do projétil. Isso pode ajudar a melhorar a consistência do disparo e, por sua vez, a precisão geral do fuzil. O cano flutuante é uma característica importante em fuzis de precisão, pois pequenas variações no ponto de impacto do projétil podem fazer uma grande diferença na eficácia do tiro, especialmente a longas distâncias.

O calibre 7,62x51mm OTAN comumente utilizado pelos fuzis do Exército Brasileiro, segundo a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC), é muito parecido com o .308 Win empregado no Fuzil Blaser Tactical 2, diferenciando-se apenas pela quantidade de propelente no interior do cartucho. Nesse sentido, não é interessante intercambiar os dois tipos de munição, devido ao risco de desgaste das raia e possíveis trincas, afetando a segurança do operador (CBC, 2018).

De acordo com o Livro Cartridges of the World (BARNES, 2009), o cartucho .308 Winchester tem um diâmetro de projétil de 7,8mm (0,308 polegadas) e uma base de estojo com comprimento de 51mm. Ele é capaz de disparar projéteis de vários tipos, incluindo os de ponta macia, oca, blindadas e traçadoras. O cartucho tem um alcance efetivo de até 800

metros em um alvo humano, embora sua precisão a longas distâncias seja afetada por fatores como o vento, a temperatura e a altitude.

O .308 Win e o .50 BMG são dois cartuchos de fuzil citados no Manual 125-23 (BRASIL, 2020) com finalidades e características diferentes, por isso não é apropriado compará-los diretamente. No entanto, pode-se listar algumas vantagens e desvantagens de cada cartucho em suas respectivas aplicações, segundo Barnes.

O .308 Win é um cartucho de fuzil intermediário utilizado em situações urbanas e de curto a médio alcance. Suas vantagens e desvantagens incluem:

1. Menor recuo, o que permite um tiro mais preciso e rápido;
2. Munição mais leve e compacta, facilitando o transporte de mais cartuchos;
3. Maior disponibilidade e variedade de rifles e armas que usam essa munição;
4. Preço mais acessível e menor custo de manutenção;
5. Alcance limitado, geralmente entre 600-800 metros;
6. Menor poder de parada, dificultando a neutralização de alvos maiores ou protegidos por armadura.

O .50 BMG, por outro lado, é um cartucho de fuzil de grande potência, mais comumente utilizado em aplicações militares e de tiro de longo alcance. Suas vantagens e desvantagens incluem:

1. Maior energia cinética, permitindo que a munição penetre em materiais densos e atinja alvos a longas distâncias;
2. Capacidade de neutralizar veículos blindados e outros alvos resistentes;
3. Trajetória plana e previsível, facilitando o ajuste de mira em longas distâncias;
4. Maior recuo e peso da munição, dificultando a precisão e reduzindo a quantidade de munição transportada;
5. Menor disponibilidade e variedade de rifles e armas que usam essa munição;
6. Alto custo da munição e das armas que usam essa munição.

Em resumo, o .308 Win e o .50 BMG são cartuchos de fuzil com finalidades diferentes e vantagens e desvantagens próprias. A escolha do cartucho a ser utilizado dependerá da finalidade e contexto de uso, bem como das características e limitações da arma e do atirador.

Nesse sentido, de acordo com o Livro *Cartridges of the World* (BARNES, 2009), embora o .308 seja um cartucho eficaz para distâncias de até cerca de 800 metros, para distâncias maiores perde energia cinética e precisão, além de apresentar dificuldade em

penetrar certos materiais, como paredes e carros blindados, o que pode ser um problema em situações táticas ou de defesa que as missões de ADS estão sujeitas. Em geral, para disparos em longas distâncias, calibres maiores como o .300 Winchester Magnum, o .338 Lapua Magnum ou até mesmo o .50 BMG já citado podem ser mais adequados.



Figura 7 M107 BARRETT Calibre .50 BMG, utilizado pelo Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS) da FAB.

Fonte: Disponível em: <https://www.dvidshub.net/imag0e/4846269/m107-50-caliber-sniper-rifle> Acesso em 7 mai

2023

Com o emprego dos fuzis de precisão antimaterial, seria possível um melhor poder de combate dentro da Área de Defesa Avançada ou Aproximada, uma vez que inimigos em rotas de infiltração situados dentro da Área de Segurança poderiam ser alvejados com maior precisão a distâncias maiores.

Desse modo, a possibilidade de infiltração de atiradores inimigos próximos a cabeceira da pista representa uma ameaça significativa, especialmente durante situações críticas, como pousos e decolagens. Nesses momentos, o abate das aeronaves são uma realidade para atiradores experientes.

Um fator preponderante nesse contexto é o alcance efetivo do armamento empregado. Caso o inimigo possua um fuzil com maior alcance, devido ao calibre utilizado, o ATP para defender a área necessita de um alcance superior ou terá que avançar no terreno para conseguir neutralizar a ameaça e garantir a defesa dos vetores aéreos.

Para ilustrar essa linha de raciocínio, pode-se observar na imagem a seguir, que apresenta as áreas de alcance efetivo dos fuzis de precisão: o BARRETT .50 BMG com o

círculo maior a esquerda (raio 2000 metros) e o Blaser Tactical 2 .308 WIN (raio 800 metros) com o círculo menor a direita. É evidente que um atirador inimigo equipado com o maior calibre teria a capacidade de engajar a aeronave na pista, enquanto um atirador com o Blaser Tactical 2 não seria capaz de defender efetivamente a área da cabeceira.

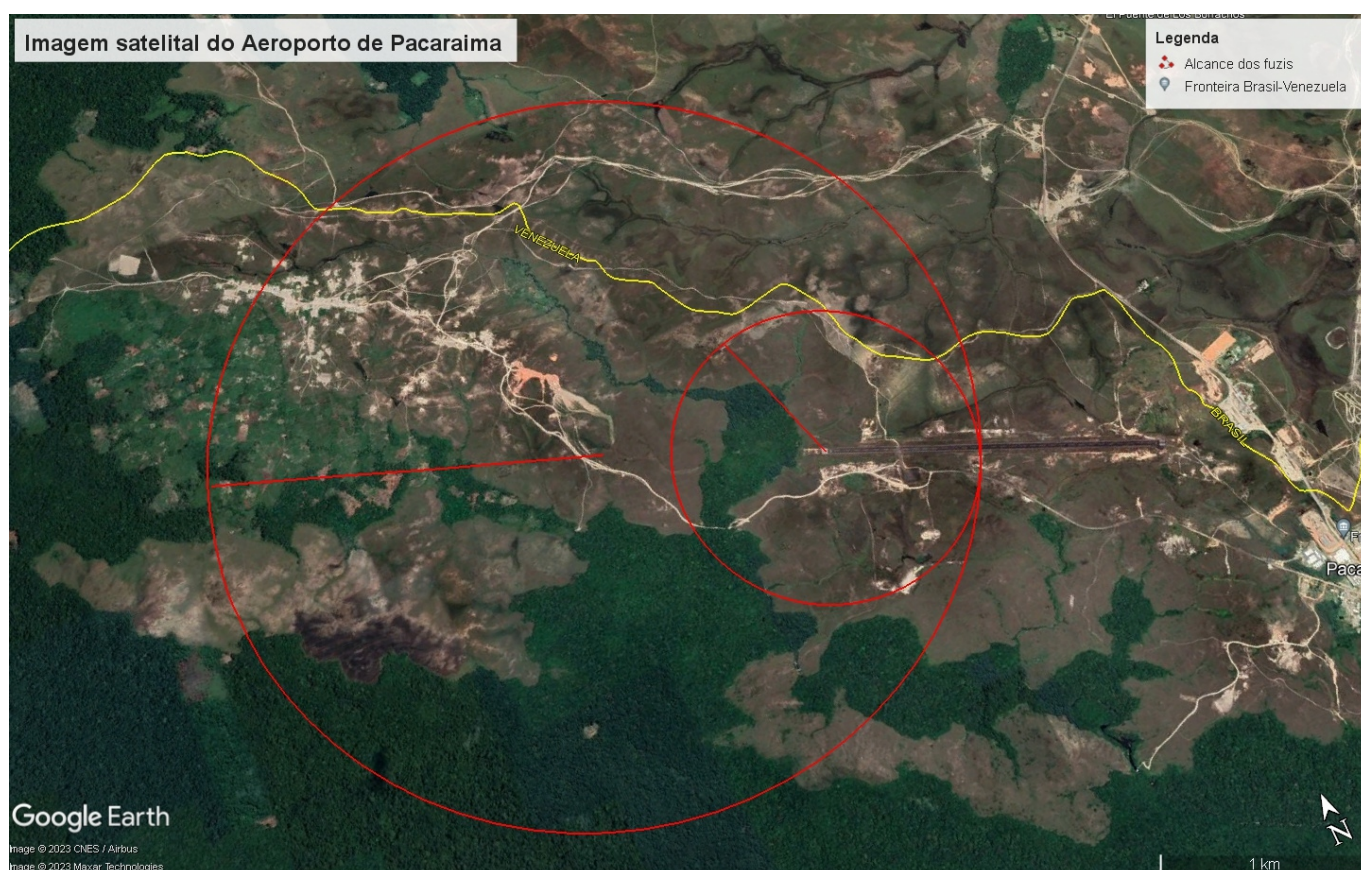


Figura 8 Imagem satelital com o alcance útil do ATP posicionado na cabeceira do Aeroporto de Pacaraima com o Blaser Tactical 2 Cal. .308 à direita e alcance útil do ATP inimigo infiltrado no terreno com o M107 .50 BMG à esquerda

Fonte: elaboração própria com base em captura do *Google Earth* (2021).

Por consequência, seria de grande valia o emprego tanto dos fuzis de precisão com o calibre já destinados para as missões de ADS (.308 WIN) quanto os de maior calibre como, por exemplo, o .50 BMG empregado pelo EAS. Nesse sentido, a FAB teria uma melhor capacidade de defesa, seja contra alvos antimateriais, seja contra atiradores inimigos equipados com fuzis de maior calibre, atendendo todas atribuições imbuídas ao ATP.

Portanto, pode-se concluir que o Blaser Tactical 2 atende a grande parte das atribuições que o ATP executa dentro da ADS e, além do mais, possui todas as características estruturais desejáveis pelo Manual 125-23 (BRASIL, 2020). Entretanto, existem competências do ATP que são limitadas pelo projeto e calibre do Fuzil, podendo ser incrementadas com a aquisição de outro fuzil de maior calibre.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo julgar o emprego do fuzil de precisão mais comumente utilizado pela FAB em missões de ADS, o Blaser Tactical 2, através da análise dos recém-criados Manuais de ADS e de ATP, da compreensão de como o Atirador Tático de Precisão atua em operações dessa área da infantaria, assim como das informações contidas no manual do equipamento e dados bibliográficos sobre os calibres.

Quanto as missões desempenhadas pelo ATP, pôde-se determinar que o Fuzil Blaser Tactical 2 atende a necessidade de emprego de grande parte delas. Sua utilização foi especificada nas Áreas de Responsabilidade das FADS nas três camadas de escalonamento, atuando tanto em combate quanto em suporte a patrulhas e reconhecimento. Assim, o armamento contribui parcialmente com táticas e recursos para o planejamento da defesa terrestre dos aeródromos em período beligerante.

De acordo com a engenharia executada no projeto do Fuzil Blaser Tactical 2, foi observado através das suas características que o armamento cumpre missões antipessoal muito bem, atendendo as atribuições de reconhecimento, apoio de fogo, retardamento dos inimigos em ataques e neutralização de elementos estratégicos.

Entretanto, quando se trata de missões antimaterial, ou seja, quando é necessário atingir veículos blindados, armamentos ou estruturas críticas inimigas, o Fuzil Blaser Tactical 2 apresenta limitações devido ao seu calibre, principalmente. Além disso, para a defesa de áreas contra atiradores inimigos equipados com fuzis de maior calibre, o Blaser Tactical 2 se mostra ineficiente, uma vez que seu alcance menor reduziria a capacidade de defesa de área, que é o objetivo principal da ADS.

Dessa forma, embora o Blaser Tactical 2 seja altamente útil para a ADS, faz-se necessário o emprego de um fuzil de precisão de calibre maior, como o .50 BMG utilizado

pela unidade de operações especiais EAS, por exemplo. Assim, os dois armamentos atuariam de forma complementar, abrangendo toda a gama de atribuições designadas ao ATP, o que resultaria em um aprimoramento significativo da defesa terrestre da área do aeródromo.

5 REFERÊNCIAS

BARNES, Frank C. **Cartridges of the World: a complete and illustrated reference for over 1500 cartridges**. Gun digest books, 2009.

BRASIL, Ministério de Defesa. Comando da Aeronáutica. Comando de Preparo. **MCA 125-17: Manual de Autodefesa de Superfície**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/>. Acesso em: 20 abr 2023.

BRASIL, Ministério de Defesa. Comando da Aeronáutica. Comando de Preparo. **MCA 125-23: Atirador Tático de Precisão**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.sislaer.fab.mil.br/>. Acesso em: 20 abr 2023.

CAUDILL, Shannon W. **Defending Air Bases in an Age of Insurgency**. Air University, 2014.

CAUDILL, Shannon W. **Defending Air Bases in an Age of Insurgency Vol 2**. Air University, 2019.

CAUDILL, Shannon W. **Defending Air bases in an age of insurgency Vol 3**. Air University, 2020.

CBC. **Munições e cartuchos para o uso policial**. Nº 23. São Paulo, 2018.

CORDEIRO, Fabio Henrique. **O emprego do atirador de precisão como integrante do grupo de combate do pelotão de cavalaria mecanizado em ações de reconhecimento**. 2019.

DE CARVALHO ZAGO, Diego Teixeira. **A importância tática do emprego de equipe de caçadores nas operações urbanas**. Revista do Exército Brasileiro, v. 157, n. 1, 2021.

DOUHET, Giulio. *The command of the air*. University of Alabama Press, 2009.

GONÇALVES, Rodrigo Villela. **A Força-Tarefa Batalhão de Infantaria Blindado no ataque à localidade: uma doutrina de emprego da turma de caçadores**. 2017.

GOOGLE. **Google Earth**. Versão 9.191.0.0 (Software). Mountain View, CA: Google, 2021. Disponível em: <https://earth.google.com/web>. Acesso em: 24 jun 2023.

KARSH, Efraim. **The Iran–Iraq War 1980–1988**. Bloomsbury Publishing, 2014.

KYLE, Chris *et al.* **American sniper**. Surbiton: Nimrod, 2012.

LELIS, Camilo Inacio Cardoso. Sniper urbano. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 6, n. 15, p. 30-37, 2018.

LUCINDO, Josué Gomes. **Guerra dos Seis Dias: ações executadas pelas Forças de Defesa de Israel (FDI)**. História Militar-Unisul Virtual, 2018.

NEVILLE, Leigh. **Modern snipers**. Bloomsbury Publishing, 2016.

PEGLER, Martin. **Sniper Rifles: From the 19th to the 21st Century**. Bloomsbury Publishing, 2011.

PINTO, João Carlos Luís. **A integração de atiradores especiais num batalhão de Infantaria**. 2016. Tese de Doutorado.

SINGH, Bharat; NAJIBI, Mahyar; DAVIS, Larry S. **Sniper: Efficient multi-scale training**. *Advances in neural information processing systems*, v. 31. 2018.

U S ARMY. **FM 3-22.10: The Official US Army Sniper Training and Operations Manual: Full Size Edition**. United States of America, 2017

VICK, Alan J. **Snakes in the Eagle's Nest: A History of Ground Attacks on Air Bases**. 1995.

VICK, Alan J. **Air base attacks and defensive counters: Historical lessons and future challenges**. RAND PROJECT AIR FORCE SANTA MONICA CA, 2015.